



CATECISMO
DA
DOCTRINA LABREGA

COMPOSTO POL-O
R. P. M. FR. MARCOS D'A PORTELA
DOUTOR EN TIOLOXÍA CAMPESTRE

1888
IMP. D'O ECO D'OURENSE
Rua d'Alba, 15

UMAS BREVES NOTAS SOBRE O AUTOR DO “CATECISMO DO LABREGO”

Valentim Lamas Carvajal nasceu em 1 de novembro do ano de 1849 no seio duma família muito humilde. Seu pai, José Francisco Lamas, natural de Ourense viu a morrer quando o nosso poeta tinha apenas dois anos. Sua mãe, a luguesa María Manuela Carvajales, que tinha na altura apenas dezassete anos, pôde colocar o menino sob os cuidados do seu irmão, Pedro Carbajales, pintor de renome na época que amenizou a desastrosa situação. Foi a seu tio que Lamas dedicou o seu primeiro livro, "A Freira de San Payo" (1871).

Cursou o ensino médio no instituto da sua cidade natal, graças à proteção de seu tio materno. Lá foi aluno do gramático João António Saco e Arce (Alongos, Toém, 8 de março de 1835–Ourense, 14 de setembro de 1881), autor da primeira gramática da variante galego-portuguesa ao norte do rio Minho publicada na cidade de Lugo em 1868 e de Xosé García Mosquera. Depois de se formar em 1871, estudou medicina em Santiago de Compostela, mas não conseguiu terminar o curso devido a uma doença ocular que o deixou cego aos vinte e cinco anos. Sua cegueira foi o que o levou, anos depois, a ser conhecido como o Homero Galego. Após a doença, Lamas retornou a Ourense, onde se estabeleceu permanentemente e casou em 1874 com uma amiga de infância, Amalia Rosina Sánchez. Nesse mesmo ano, recebeu uma pensão anual para escritores pobres, cujo júri incluía o seu protetor constante, Modesto Fernández e González.

Graças à ajuda de sua esposa e filhos Modesto e Valentina, e apesar dos problemas oculares, Lamas Carvajal conseguiu dedicar-se a escrever, essencialmente jornalismo, uma área na qual havia dirigido anteriormente a revista compostelana “La Aurora de Galicia”, e que continuou com a fundação de “El Heraldo Gallego” e “El Eco de Ourense”, além do semanário O Tio Marcos Marcos da Portela, o primeiro jornal publicado inteiramente em galego que, entre 1876 e 1890, obteve grande sucesso e reconhecimento ao saber como se conectar com a população através do jornalismo cômico, polêmico e sarcástico que caracterizou a redação de Lamas Carvajal, sempre preocupado em defender o campesinato duma perspectiva anticaciquil. Esta atividade fez dele o jornalista mais importante do século XIX na Galiza.

Embora Lamas também cultivou a literatura. Em castelhano publicou os livros “Flores de ontem” e “A freira de San Paio”, o “Cancioneiro do Minho”, “Lendas e tradições de Ourense”, de 1872. No entanto, destacou-se especialmente na sua obra em galego, com a coleção de poesia “Espinhas, folhas e flores”, cuja primeira parte ou “Raminho primeiro” foi dedicada a seu filho Olivério, que morreu pouco depois da publicação em 1875, embora 1874 apareça na capa e tenha sido tão bem-sucedida que levou a uma segunda edição poucos meses após sua publicação; a segunda parte, “Raminho Segundo”, foi publicada no ano seguinte. As duas partes foram publicadas em conjunto em 1877, numa edição na qual os poemas “Amor de mãe” e “A Galiza” foram adicionados. Parceiro de mérito da sociedade madrilenha Galicia Literaria, em 1875 publicou “Cartas aos galegos” para promover a participação na Exposição de Santiago e em 1880 “Saudades galegas”, provavelmente o seu melhor livro, que definitivamente o consagrou como poeta civil, área em que ainda publicou outro livro em 1890, “A musa das aldeias”. Em 1878 publicou um livro bilingue galego-castelhano, “Desde la reja. Cantos de un loco”, que causou polémica com Manuel Murguía, que o acusou de plagiar “Cantares Galegos” de sua esposa, a genial Rosália de Castro, embora o Lamas tenha sido apoiado e incentivado a continuar escrevendo por toda a imprensa galega.

Em 1874 casou com Amalia Rosina Sánchez, natural da Guarda e antiga companhiera de estudos, com a qual teve numerosa descendência. Um dos filhos do nosso poeta, Modesto Lamas Sánchez, nado em Ourense, e finado em A Corunha em 12 de fevereiro de 1933, foi também um importante jornalista.

Ainda que ficando cego, a sua obra literária não deixou de se acrescentar, ajudado pela sua família. Em prosa publicou “Galegada” em 1887, conjunto de dezanove narrações que já haviam sido publicadas em O Tio Marcos da Portela. “Tradições, figurinos, tipos e contos da terrinha”, obra que contém histórias já publicadas em O Tio Marcos da Portela.

O bem-sucedido “Catecismo do Labrego”, que colocamos em versão de escrita internacional do galego, também apareceu no semanário, publicado em 1889 e reeditado treze vezes na vida do autor, provavelmente o trabalho mais popular na literatura galega na época do século XIX, brincando com um esquema de composição bem conhecido, o da pergunta-resposta que norteou o manual Catecismo da Doutrina Cristã, do padre Gaspar Astete, religioso jesuíta espanhol (Coca de Alba, Salamanca, 1537 - Burgos, 1601), obra que se empregava na altura para a catequese nas escolas, ao qual se aplica o sarcasmo e o senso de humor típicos da literatura satírica do Lamas Carvajal, a obra contou com a colaboração de Artur Vázquez Nunhez, nascido em Ourense em 15 de novembro de 1852 e morto na mesma cidade em 2 de março de 1907, especialista polígrafo de Ourense em História e Arqueologia. Mais tarde, ainda publicaria em espanhol três volumes, intitulado “Mostacilha. Versos humorísticos” (1897 e 1898), onde coleciona composições satíricas já publicadas em El Eco.

Cumpra salientar que esta obra, que colocamos para o vosso interesse e leitura, escrito na variante dialectal própria de Ourense, teve um importante sucesso além da Galiza ao ser vertida para o castelhano (*Catecismo de la doctrina labriega*, tradutores: Carlos Martines e Gabriel Aresti, Editorial Kriselu, Bilbao, 1969; e por Xesús Alonso Montero, *Catecismo del campesino*, em edição bilingue galego-castelhano, Gran Enciclopedia Gallega, 1990); ao basconço (*Nekazarien Doctrina*, tradutor Gabriel Aresti, Editorial Kriselu, São Sebastião, 1969) e uma versão para o português padrão de Luís Nogueira em 2004 publicada por Mareantes Editora.

Ativista cultural e intelectual da cidade de Ourense, onde frequentava regularmente o café La Unión, foi atacado na noite de Natal de 1901, quando uma bomba explodiu na oficina El Eco. Lamas participou da fundação da Real Academia Galega, embora a sua morte no dia da constituição da instituição académica tenha encurtado o seu trabalho lá.

Valentim Lamas Carvajal morreu em 4 de setembro de 1906 em Ourense, sendo soterrado no cemitério de São Francisco na cidade em que nasceu.

OBRAS DE VALENTIM LAMAS CARVAJAL

- Flores de ontem, Santiago de Compostela, Estud. Tipográfico, Jesus Tomás Rey, 1871.
- Cancioneiro do Miño. Legendas e tradições de Ourense, Ourense, Imprenta P. Sidavol, V. de Lozano, 1872.
- Dez cartas aos galegos, Ourense, Impressão de José M. Ramos, 1875.
- Espinhas, folhas e flores. Coleção Galiza Versinhos (Raminho primeiro), Ourense, La Propaganda Gallega, 1875.
- Espinhas, folhas e flores. Coleção Galiza Versinhos (Raminho Segundo), Ourense, La Propaganda Gallega, 1876.
- Do portão. Cantos dun loco, Ourense, La Propaganda Gallega, 1878.
- Saudades galegas, Ourense, La Propaganda Gallega, 1880.
- Gallegada, tradições, figurinos, tipos e contos da terrinha, Ourense, Impressão de El Eco de Ourense, 1887.
- Catecismo do camponês (1889). Imprenta El Eco, Ourense, 1888.
- *A musa das aldeias. Coleção de versos galegos*. Ourense: El Eco, 1890.
- *Obras completas*. Ourense: La Región, 1927.

BIBLIOGRAFIA GERAL EMPREGADA

- López Aydillo, E. e Palacios, J. (ed.), *Lamas Carvajal: estudio biográfico y crítico, con una selección de sus mejores composiciones*, Madrid, Editorial Paez, 1925.
- Blanco Amor, E. (ed.), *Antoloxía: verso e prosa*. Buenos Aires, As Burgas, 1950.
- Carvalho Calero, R. (ed.), *Lembrança de Valentim Lamas Carvajal no Dia das Letras Galegas*, Santiago de Compostela, Universidade, 1972.
- *Catecismo do labrego*, Fr. Marcos da Portela, Edicións Castrelos, 15ª edição, Vigo, 1981.
- Conselheria de Cultura (ed.) *Jornadas sobre V. Lamas Carvajal: actas das jornadas realizadas pola Dirección Geral de Promoção Cultural em Ourense os días 21 e 22 de outubro de 1999*, Santiago de Compostela, Junta da Galiza, 2001.
- *Raigame: revista de arte, cultura e tradições populares*, Ano 2006, número 24.
- *Valentim Lamas Carvajal* em página da AS-PG (Associação Sócio-Pedagógica Galega).
- Carballo Calero, R. (1975) [1963], *Historia da literatura galega contemporánea*. Editorial Galaxia.
- Dobarro Paz, Xosé María (2005). "*Lamas Carvajal, Valentín*", Gran Enciclopedia Galega Silverio Cañada.
- Fernández del Riego, F. (1992) [1990]. *Dicionário dos Escritores em Lingua Galego* (2ª ed.), Edições Do Castro, p. 220.
- Marco, Aurora (2007), *Dicionário de Mulheres Galegas* [Das origens a 1975], Edições A Nossa Terra, p. 41.
- Vilavedra, Dolores, ed. (1995), *Dicionário Galego de Literatura I*, Editorial Galaxia, pp. 317-320.
- *Valentim Lamas Carvajal* in Real Academia Galega, s/d,
- Garcia Negro, P. (ed.), *Obra literaria e jornalística: antologia*. Vigo, Associação Socio-Pedagógica Galega, 1996.
- Ponte Far, J. A. (dir.), *Valentín Lamas Carvajal*. A Coruña: La Voz de Galicia, 2010.

NOTA FINAL.- Os galeguismos e localismos usados polo autor vão assinalados e explicados em notas a rodapé da edição.

Valentim L. Carvalho



Assinatura do poeta

DECLARAÇÃO DA DOCTRINA LABREGA.

P.-- Sodes labrego?

R.-- Sim, pola minha desgraça.

P.-- Esse nome de labrego, de quem o recebiche?

R.-- Do sachó que me fai calos nas mãos, da terra que rego com o suor da minha testa, das mouras fames que passo, do ar que brua nas minhas fraldiqueiras, da monteira que levo na chola, da corôça de palha que me libra da chuvia, das ceroulas de estopa que me cobrem de meio corpo abaixo, e de outras cativezas entre as que vivo agoniando.

P.-- Que quer dizer labrego?

R.--Homem acabadinho de trabalhos, casta de besta de carga na que tãgem a rabear os que governam, ser a quem fam¹ pagar cédula como as pessoas pra tratá-lo como os cães, que leva fraldiqueira no traje por fantasia, boca na cara por burla, que anda de arrasto como as cobras, que fura na terra como as toupeiras, que trabalha muito e come pouco, que à semelhança dos burros de arrieiro que levam o vinho e bebem a água, procuram o trigo pra comer o milho, que anda langraneando² por uma peseta³ sem poder nunca juntá-la, e que vem a ser considerado polos seus semelhantes como um ninguém que a todo chamar chamam-lhe João paisano.

P.-- Que entendes por homem de lavrança?

R.-- Uma casta de boi posto de pé, uma máquina de sacar quartinhos⁴ da terra.

P.-- Qual é o sinal do labrego?

R.--A pobreza.

P.-- Porque?

R.--Porque nela vivemos e morremos.

P.-- De quantas maneiras usa o labrego deste sinal?

R.-- De duas.

P.-- Quais são?

R.-- Jejuar ao traspasso e andar à mioca.

P.-- Que cousa é jejuar ao traspasso?

R.--Uma cousa mui⁵ condenada que fai devercer⁶ as carnes, abrir a boca, ronronar as tripas e inflar o estômago de ar.

P.-- Que cousa é andar à mioca?

R.--Deitar-se com apetência e erguer-se com fome; sentir antolhos de comer pão e de beber vinho, e não fazer mais que comer o génio e beber os ventos.

P.--Mostrade como.

R.--Meto por equivoco as mãos nas fraldiqueiras e somente encontro ar...; colho o saco do grão pra ir ao moinho e não colho mais que lenço; vou à casa dos que têm a pedir um peso emprestado e se não me dão com a porta nos focinhos, despacham-me⁷ com palavras de muito peso, mas não com o peso que eu cobiço; vai o arrecadador pra que lhe pague os trabucos e não acho mais que desculpas que lhe dar.

P.-- Porque metedes⁸ as mãos nas fraldiqueiras?

R.-- Por não perder o costume que herdamos dos nossos pais que viverom mais acomodados.

P.-- Porque as levades⁹ à boca?

R.--Enganando-nos, cuidando que são pão pra ver se deste jeito enganamos o estômago.

P.-- Porque as levades ao sacho?

R.-- Porque em todo tempo e lugar os nossos governantes nos pedem as pagas dos trabucos e os senhorios as rendas.

P.-- Quais são os vossos inimigos?

R.-- Contam-se por centos.

P.-- Que inimigos são esses?

R.-- A maiores do mundo, do demo e da carne como têm todas as gentes, temos um fato deles: nove ministros em Madrid, o Delegado da Fazenda na província, o Administrador da Subalterna no partido, o Alcalde, os conselhais¹⁰ e o Secretário no Concelho, o cacique da paróquia, o vizinho de porta com porta, a miséria na casa, os pedriscos nos eidos, a filoxera nos vinhedos, o arrecadador metido na cabeça, os trabucos e a contribuição territorial na cana dos ossos, a de consumos entalada nas gorjas, a crença de que não hemos melhorar de sorte no espirito, as falcatruas da cúria enterradas até o redanho, etc., etc., etc.

P.-- E o trabalho tem virtude contra eles?

R.--Não padre, nem esta.

P.-- E porque não?

R.-- Porque não há quartos que lhe cheguem nem o trabalho rende pra contentá-los.

DIVISÃO DA DOUTRINA LABREGA

P.-- Já vimos como sodes¹¹ labrego, como estades¹² acabadinhos polo nome e pola fame de labrego, mas dizende-me¹³ agora, quantas cousas está obrigado a saber e entender o labrego quando chega a ter uso de razão?

R.-- Quatro cousas.

P.-- Quais são?

R.-- Saber o que se deixa de comer, saber o que tem que trabalhar, esquecer-se do que tem que pagar e não cuidar-se do que tem que receber.

P.-- Como saberá o que deixa de comer?

R.-- Fazendo recorde das larotas que se passam na sua chouça; estabelecendo comparações entre os magnates de bandulho a jeito de bombo, bochechas infladas, rijos e bem mantidos que se passeiam, e entre os lavradores que andam polas carrilheiras¹⁴ e congostas como almas em pena, esvaídos, fracos, esfamiados, pensando no pão que não lhes vem às mãos e nos cartinhos¹⁵ que fogem deles como da queima; botando-lhe olhadas degorantes aos aparadores dos armazéns onde se vende jamão¹⁶, salchichões¹⁷, polos¹⁸ asados, perdizes, doces, conservas, queixos e outros manjares apetentes; pensando nas vezes que polo dia adiante se lhe abre a um a boca e se lhe vai o estômago já canso de não digerir mais que batatas quando as há pra comê-las em cachelos¹⁹, e sem sal muitas vezes pra serem galegas enxebres²⁰ sem graça, pois maldito se graça têm nem sequer lha fam²¹ ao estômago.

P.-- Como saberá o que tem que trabalhar?

R.-- Vendo que não há um chavo nem uma cunca de farinha na chouça, que o arrecadador não dorme, que há que manter à mulher e aos filhos, que os que governam não fam²² mais que pedir trabucos, que os que mandam querem ter sempre o comedeiro acogulado, que o pressuposto de gastos é um poço sem fundo, e que o pressuposto de ingressos não passa de ser uma cesta que os estadistas se degoran²³ por encher de água, que sem quartos não se pode dar um passo neste mundo, nem há justiça, nem direito, nem sequer é um gente, que desde²⁴ lhe chamam a um *voló* no bautismo até *niquitate* no enterro, passando pola confirmação em que nos dão unha lufada na cara, até o matrimónio em que nos junguem a uma mulher pra fazer uma junta de boi e vaca que há turrar polo carro da família, temos que soltar os quartinhos duma maneira ou doutra, pois se não é por fás é por nefas.

P.-- Como poderá esquecer-se do que tem que pagar?

R.-- Pondo-se bêbedo, volvendo-se louco, metendo-se cem braços debaixo de terra ou morrendo.

P.-- Como não se cuidará do que tem que receber?

R.-- Fazendo-se de conta que tem os ossos de goma pra que non lhe doam por muito que malhem neles, não passando-se-lhe nem polas mentes que há de receber coisa que seja de proveito nem que valha dinheiro, porque os labregos, de receberem, fora do bem que lhes venha recebendo a Deus, não recebem mais que seringaço.

PRIMEIRA PARTE EN QUE SE DECLARA O CREDO E OS ARTÍCULOS.

P.-- Começando polo primeiro: quem dixo²⁵ o credo?

R.-- Os Apóstolos.

P.-- Pra que?

R.--Pra que andemos de cote com ele na boca.

P.-- E vós pra que o dizedes?

R.-- Pra que Deus nos tenha da sua mão, que boa falta nos fai²⁶.

P.-- Que cousa é fé?

R.--Crer o que não vimos.

P.-- Vistes as moedas de cinco pesos?

R.-- Não, padre.

P.-- E os bilhetes de Banco de cem pesetas?

R.-- Não, padre.

P.-- E credes²⁷ neles?

R.--O que é crer, cremos.

P.-- Porque o credes?

R.-- Porque ouvimos falar deles aos ricos; porque sabemos que os nossos quartinhos vão-se juntando nas fraldiqueiras dos sanguessugas de todas as castas, pra se converter em moedas e bilhetes; porque nos desprecatarmos de que á conta deles medram, triunfam e campam os que se encontram no poleiro.

P.-- Que cousas são as que credes como labregos?

R.-- Os artículos, principalmente como se contêm no credo.

P.-- Pra que são os artículos?

R.-- Pra dar notícia dos deuses da nossa aldeia.

P.-- Quem são esses deuses?

R.-- O Alcalde nosso senhor, o Secretário nosso amo, e o Cacique nosso dono.

P.-- Quem é o Alcalde nosso senhor?

R.-- É a cousa mais condenada que se pode dizer nem pensar: um senhor infinitamente mau, burro, larpeiro²⁸, injusto, princípio de todas as nossas desgraças e fim de todas as nossas fazendas.

P.-- A condenadíssima trindade quem é?

R.-- É o mesmo Alcalde, o mesmo Secretário e o mesmo Cacique, três pessoas distintas e uma só calamidade verdadeira.

P.-- O Alcalde é deus?

R.-- É, sim senhor.

P.-- O Secretário é deus?

R.-- Oxalá não o fora.

P.-- O Cacique é deus?

R.-- Assim ele adoecera como é.

P.-- O Alcalde é o Secretário?

R.-- Não senhor.

P.-- O Secretário é Alcalde?

R.-- Às vezes.

P.-- O cacique é Alcalde ou Secretário?

R.-- Se não o é, como se o fosse.

P.-- Porque?

R.-- Porque se as pessoas são distintas, volvem-se uma só quando se trata de malhar em nós, de sugar-nos o sangue, ou de espremer-nos a fraldiqueira.

P.-- E logo quantas naturezas, entendimentos e vontades há nesses deuses?

R.-- Naturezas duas, uma de lobo e outra de porco; entendimentos, nengum²⁹; vontades, a do Governador, a do deputado, a do Juiz e as suas más vontades.

P.-- Como é deus o Alcalde?

R.-- Mentindo uma influência que não tem, agarrapanhando³⁰ votos nas urnas, sacando-lhe a monteira e fazendo-lhe retesias aos que mandam, assovalhando³¹ aos que tem baixo de si, recolhendo os jamões das nossas chouças e partindo-os com os magnates da vila, sacando quartos aos quintos quando se tércia pra serem os primeiros em riqueza e os últimos no reparto de consumos, armando-lhe a gaiola aos que não são da sua corda, repartindo os destinos do Concelho entre a gente da família, lobos da camada e os que se deixam ver por adiantado, estrapexando³² na política como os escaravelhos na bola, e fazendo em fim quantas falcatruas se lhe

vêm às mentes pra conservar o mandinho.

P.-- Como é criador?

R.--Porque saca aos deputados e aos regedores do nada.

P.-- Pra que criou Deus o labrego?

R.--Pra servir ao Alcalde e morrer de fome nesta vida e se quadra viver ardendo na outra.

P.-- Tem o Alcalde figura corporal como nossoutros?

R.-- Isso dim³³, ainda que pra nossoutros³⁴ é como si víramos ao demo.

P.-- Quem é o Secretário?

R.-- É uma feitura do senhor Alcalde, tão bom como ele, e que se fixo³⁵ Secretário pra nos rebentar e dar-nos mal exemplo.

P.-- Quantas naturezas, vontades e entendimentos há no Secretário?

R.--Naturezas, uma só e abonda; vontades, a sua e a de todos os que tem por em riba, e entendimentos, se algum tem, mais valera que não o tivesse.

P.-- E quantas pessoas e memórias?

R.-- Uma só pessoa com muitas caras, e memória a bastante pra acordar-se do que lhe tem conta.

P.-- Que quer dizer Secretário?

R.-- Acabador.

P.-- De que?

R.-- Da nossa paciência e dos nossos quartos.

P.-- Como foi concebido o Secretário?

R.-- Obrando o Alcalde e o Cacique contra natura e milagreiramente.

P.-- Porque dizedes contra natura e milagreiramente?

R.--Porque o Secretário não foi concebido nem nasceu como os demais homens.

P.-- Pois como se obrou o mistério da concepção do Secretário?

R.-- Na má ideia do senhor Alcalde meteu o cacique o pensamento de que pra acabar com o país era preciso um homem de sangue mouro, más entranhas e piores feitos; por um sopro do demo saiu um corpo como o desejavam, uniron-lhe uma alma atravessada, assinarom o nomeamento, e o que de antes era somente homem ficou feito Secretário.

P.-- E como nasceu milagreiramente?

R.-- Saindo da cabeça do Alcalde sem detrimento da sua brutalidade, à maneira que sai um preso do Cárcere-Modelo sem romper reixas nem portas.

P.-- Porque quiujo³⁶ ser Secretário?

R.--Pra fazer a vida do labrego um inferno.

P.-- Que entendedes por inferno?

R.-- A aldeia em que vivem os labregos.

P.-- Pois quantos infernos há?

R.-- O inferno dos que pagam trabucos e rendas, e não têm pão que levar à boca; o purgatório dos que vão ao serviço do rei, vendo ficar os filhos dos ricos na sua casa; o limbo dos nenos onde se encontram os que fam³⁷ a aprendizagem de labregos, descalços de pé e perna, esfarrapados, acoradinhos³⁸ de fome, arrecadando o gado na chouça, e a lenha no monte e sem ver sequer uma letra da cartilha dos Cristos; e o limbo dos justos, onde vivem os alpavardas³⁹ que creem nas predicções dos políticos, nas palavras dos deputados, na proteção do Governo, em que hão de sair campantes dos seus atoladeiros sem untar o carro, e em que lhes hão de fazer justiça tendo somente razão: gente a mais feliz de todas porque crê que avonda trabalhar pra comer.

P.-- Que cousa é estar sentado à direita do senhor Alcalde?

R.--Ter quase mente o seu anaquinho de mando, poder turrar da corda pra os amigos, fazer toda casta de falcatruas aos contrários, remexer nas trécolas⁴⁰ do Concelho, e sacar-lhe sustância a todos os negócios que lhe passam pola mão.

P.-- Que credes quando dizedes que há Concelho?

R.-- Que há ali uma dúzia de lampantins⁴¹ dos que não se pode aguardar nada bom: gente que quando se junta não pensa mais que em espremer-nos o suco, em sacar-nos os quartos dos consumos e os filhos pra a guerra; em fazer-nos trabalhar por prestação nos caminhos que vão direitos às suas casas; em tirar-nos o voto e dar-nos a cédula pessoal; espíritos malignos que lhe fam⁴² mal de olho às pitas do nosso curral e aos porcos do nosso cortelho; que quando se ajuntam é o mesmo que se se escornaram duas nuvens de pedrisco sobre os nossos eidos, e quando se separam e passam por diante de nós há que fazer-lhes a cruz como ao demo e sacar-lhes a monteira como aos fidalgos.

P.-- Ademais do que levades⁴³ dito, credes outras cousas?

R.-- Sim padre, porque todo o que se diz dessa gentinha é pouco.

P.-- Que cousas são essas?

R.-- Isso não mo perguntedes a mim que não poderei contestá-lo por mor da cúria que, como o zorro e as galinhas, anda-nos ganhando as voltas pra pôr-nos à sombra.

M.-- Fazendes bem em calar-vos, porque em boca pecha⁴⁴ não entram moscas, e ao bom calar chaman-lhe labrego.

SEGUNDA PARTE

EM QUE SE DECLARA O QUE SE HÁ DE PEDIR.

Já vimos como sabedes o que se há de crer: venhamos ao segundo que é o que se há de pedir. Das orações que rezades qual é a que mais gostais?

R.-- O Pai Nosso.

P.-- Porque?

R.-- Porque tem sete petições, que são poucas pra nossoutros, pois temos muito que pedir.

P.-- Quais são?

R.--A primeira é: Santificado seja o teu nome.

P.-- Que pedides nessa petição?

R.-- Que alaudem a Deus, o mesmo que nossoutros, aqueles que só se acordam dele quando fã a carantonha, e passan a vida fazendo-nos falcatruas.

P.-- Qual é a segunda?

R.-- Venha a nós o teu reino.

P.-- Quem pede isso?

R.-- Aqueles que se dormem nas palhas entrementes nossoutros adoecemos a trabalhar; os que fã política nas aldeias pra encher o bandulho; os que maginam que todas as cousas do mundo se figerom⁴⁵ pra eles e arrepanham com o seu e com o dos vizinhos; os que pra viver aguardam que lhes caiam no papo pães cozidos do céu; e os que sem trabalhar nem terem rendas vivem fidalgamente.

P.-- E vossoutros pedides o mesmo?

R.-- Nossoutros pedimos o reino de Deus porque o deste mundo anda em mãos de quatro calafates.

P.-- Qual é a terceira?

R.-- Faga-se a tua vontade assim na terra como no céu.

P.-- Qué pedides aí?

R.--Pedimos que Deus venha a governar este cotarro⁴⁶ que anda levado do demo.

P.-- Qual é a quarta?

R.-- O pão nosso de cada dia dá-no-lo hoje.

P.-- Que pedides nessa petição?

R.-- E você não o vê santinho! Pedimos pão pra levar à boca, já que pra nossoutros ou anda polas nuvens, ou está pechado com ferrolho nas tulhas dos vinculeiros⁴⁷. Pedimos algo que comer já que trabalhamos como negros. Pedimos pão pra manter os filhos que no-lo pedem em coiro e com as mãozinhas direitas. E não é muito pedir pão, já que o compango⁴⁸ é pra os que podem.

P.-- Qual é a quinta?

R.-- Perdoa-nos nossas dívidas assim como nossoutros perdoamos aos nossos devedores.

P.-- Que pedides aí?

R.-- O que não os hão dar nunca: pois ainda bem não lhe devemos um peso a qualquer já temos o ministro à porta com a demanda. Os nossos devedores bem perdoados estão porque ninguém nos deve nem um chavo.

P.-- Qual é a sexta?

R.-- Não nos deixes cair na tentação.

P.-- E com isso que pedides?

R.-- Que Deus nos tenha da sua mão e que nos coute bem, porque tanto malham em nós, e tais cousas nos fam⁴⁹, e tão amoladinhos andamos, que se nos deixamos levar polo génio e caímos numa má tentação, o dia que menos se pense não ficam nem os ratos na Alcaidia.

P.-- Qual é a sétima?

R.-- Mas libra-nos de mal.

P.-- E nisso que pedides?

R.-- Que nos saque Deus dentre as unhas desta gentinha que não fai nada que pra bem seja.

P.-- Que quer dizer a palavra *Amém*?

R.-- É uma cousa que os que mandam nos fam⁵⁰ dizer a todo.

P.-- Qando dizedes *Ave-Maria*! com quem falades?

R.-- Com o repartidor de consumos quando nos diz a cota que se nos impujo⁵¹; com o vizinho que nos vem pedir uma peseta emprestada pra sair dum apuro; com o Alcalde que nos aconselha que votemos o candidato do Governo prometendo-nos montes e moreias; com o médico que nos pede mais de dous ferrados⁵² de centeio pola avença; com o escrivão quando nos notifica a taxa das custas do último preito, e com o senhor Abade que nos diz que debemos jejuar na Quaresma, esquecendo-se de que jejuamos a traspasso o ano inteiro.

P.-- Pra que são os anjos?

R.-- Pra guardar-nos.

P.-- Logo os labregos tendes anjos que vos guardem?

R.-- Sim padre, pero às vezes parece que se dormem, a julgar polo desamparo em que nos deixam.

TERCEIRA PARTE EM QUE SE DECLARA O QUE SE HÁ DE OBRAR.

Já vimos o que havedes de crer e pedir; vejamos agora como sabedes o que havedes de obrar; dizede: Qual é o primeiro mandamento?

R.-- Amar a Deus sobre todas as cousas.

P.-- A que nos obriga este mandamento?

R.-- A adorá-lo e crer nele e não desconfiar por muitos males que nos sucedam, pois já sabemos que neste mundo tem que haver de todo, bom e mau; de maneira que si há raposos que nos levem as galinhas, também há bois que nos ajudam a lavrar os eidos; se temos lobos que nos comam as ovelhas, há também cães que nos guardem a fazenda; se criamos porcos no cortelho, não faltam aduanantes⁵³ que contem por adiantado com os seus pernis; se temos filhos que nos ajudem, não faltam reis que os levem para o seu serviço; se dispomos de vinho pra quentar o estômago, também há filoxera que estraga as vinhas. Por isso debemos folgar-nos do bom, levar com paciência o mau, e Deus sobre todo.

P.-- Qual é o segundo?

R.-- Não jurar em vão.

P.-- Quem peca contra isto?

R.-- Os que relaxados polas que lhes fam juram e rejuram tomar a justiça pola mão, queimando palheiros, decotando cepas, arrasando lavradores, botando erva dos ratos nos currais dos vizinhos, armando-se de moca pra lhe meter com ela as razões na cachola ao contrário e fazendo outras cativezas⁵⁴ deste jeito; os que por unha poia de pau e três netos de vinho servem de testemunhas falsas nos preitos e nas causas criminais; os que botam sapos e cobras pola boca a qualquer contratempo que tenham; os que juram acabar com os bens do vizinho, levados pola xenreira⁵⁵; e os que por botar-se de valentes não dim⁵⁶ três palavras a réu sem misturar entre elas uma porcalhada.

P.-- Como se jura em falso?

R.-- De qualquer maneira, porque não há cousa mais fácil no país. Todas as aldeias contam com pica-preitos⁵⁷ estrapejantes⁵⁸ que põem escola de testemunhas falsas, entrementes as outras estão pechadas⁵⁹. Por uma picalhada⁶⁰ e sem escrúpulos de

consciência botam á presidio a qualquer homem de bem; por um par de pesetas não falta quem com a mão em cruz jure, que viu polos seus olhos, e assim Deus o salve, voar os burros, vestidos de guardas-civis os mosquitos, tirar dum carro dous porcos e cantar missa uma ovelha, ou fazer um Alcalde boas obras.

P.-- Cal é o terceiro?

R.-- Santificar as festas.

P.-- Quem pecca contra isto?

R.-- Todos os labregos, porque ainda que ouçamos a missa não podemos guardar a festa, polo mor de tornar a áuga dos lameiros, de arrecadar o gado, de dar de comer aos porcos, de levar o grão ao moinho, e outras angueiras⁶¹ que não têm aguarda.

P.-- Qual é o quarto?

R.-- Honrar pai e mãe.

P.-- E que entendedes por isso?

R.-- Dar-lhe a nossos pais a melhor vida que podemos, entrementes não chegamos a herdá-los.

P.-- Que mais obrigações há neste mandamento?

R.-- As dos superiores com os inferiores e as dos pais com os filhos.

P.-- Como as cumprides?

R.-- Mandando os filhos à escola pra que não estorvem na casa quando não temos que lhe dar que fazer; sacando-lhe a monteira aos senhores quando os topamos nos caminhos e fazendo-lhe a figa por detrás; entrando com a orelha gacha⁶² na casa dos que mandam pra sair dela botando raios e centelhas.

P.-- Qual é o quinto?

R.-- Não matar.

P.-- Quem pecca contra ele?

R.-- Nossoutros não senhor, pois, por não matar, nem sequer matamos a fome.

P.-- Qual é o sexto?

R.-- Não fornicar.

P.-- Quem pecca contra este mandamento?

R.-- Velhos e moços todos puxemos⁶³ nele as nossas mãos. Pecam as moças churrusqueiras⁶⁴ que lhe chiscam os olhos aos moços nas romarias; os rapaces que andam de noite ao sarau rondando-lhe a porta às nenas; as parelhas que se perdem entre os centeios botando de perda o fruto; os que ventando uma mulher escarramelam⁶⁵ os olhos e ensinam os dentes como os burros; os que lhe vão a fazer coxigas⁶⁶ às moinheiras e as fam bulir mais que o rodício, saindo depois todos enfarinhados; os que apagam o candil nos fiadeiros pra andar às apalpadelas; os que vendo-se entre mulheres não podem ter as mãos quedas, os que bailam ao

agarradinho nos terreiros pra se agarrarem sem bailar nas carvalheiras; os que dando palavras de casamento não fam mais que as obras; os que ao volver das festas acompanhados não chegam até meia noite à casa; e pra dizê-lo duma vez todos os que gastam calções e monteira ou dengue⁶⁷ e muradana⁶⁸.

P.-- Qual é o sétimo?

R.-- Não furtar.

P.-- Quem peca contra este mandamento?

R.--Os que não contentando-se com o que Deus lhes dou procuram apanhar o alheio; os que andam com as mãos no pote do pressuposto; os da cúria que fam letras como gravanços⁶⁹ porque cobram por pregos os seus direitos; os xastres⁷⁰ que nos pedem unha vara de pano pra fazer uma monteira⁷¹; os que se governam desgovernando; os médicos que com unturas de ouro inutilizam-nos os filhos pra o serviço do rei; os tendeiros que pesam com a romana do demo, a medem com uma vara polo jeito da da justiça; os empregados que não têm tempo pra despachar os nossos assuntos porque todo ele lhes é pouco pra fumar cigarros e falar mal do Governo; os que nos espremem o suco fingindo que nos protegem; os que não nos fam nengum serviço não andando dinheiro por diante; os usureiros que encavalam os réditos; e outros muitos que fora largo contar, porque o mundo está cheio de gatos que andam sempre à caça dos pobres ratinhos da aldeia.

P.-- Qual é o oitavo?

R.-- Não levantar falsa testemunha nem mentir.

P.-- Quem peca contra este mandamento?

R.-- Os deputados que dim no Congresso que o país adianta e que o Governo trabalha por melhorar a moura sorte dos labregos; os partidos políticos que asseguram que contam com as simpatias do país; os que casando-se com mulher rica, feia e velha sustêm que se casarom namorados; os que a todas as moças lhe dão palavra de casamento; a mulher que aos vinte anos diz, em certos casos, que na sua vida outra lhe passou; o Advogado que lhe diz a uma litigante que não lhe cabe direito e logo resulta o contrário; o Médico que consultando a ama dum crego lhe diz que não tem cura; o sacristão que pede pra as Ânimas; e todos nossoutros que às vezes esquecemos a verdade.

P.-- Cal é o noveno?

R.-- Não cobiçar a mulher do vizinho.

P.-- E pecades contra esse mandamento?

R.-- Segundo seja ela, senhor.

P.-- Qual é o décimo?

R.-- Não cobiçar os bens alheos.

P.-- Quem peca contra isso?

R.-- Todos os labregos porque não há um que não ponha os olhos nas leiras do

vizinho.

OS MANDAMENTOS DA IGREJA LABREGA SÃO CINCO.

O primeiro ouvir como nos aldrajam⁷² os que mandam, como quem ouve chover.

O segundo mudar de camisa uma vez ao ano, ou de antes se têm que enterrá-lo a um.

O terceiro comungar com rodas de moinho.

O quarto jejuar por boas ou por más.

O quinto pagar por todo e pra todo, e pagá-las todas.

P.-- O primeiro a quem obriga?

R.-- A todos os que têm algo que perder, pois se nos reponhemos sai-nos pior a conta.

P.-- E o segundo?

R.-- Obriga-nos a todos ainda que às vezes se nos esqueça o cumpri-lo.

P.-- Vindo ao terceiro, como se comunga com rodas de moinho?

R.-- Vendo como nos quitam a razão em todas as cousas, e tendo que nos conformar com o que venha; deixando-nos engrolar por todos os baduantes⁷³, por não saber que oponher-lhes⁷⁴; pagar o sessenta por cento a um usureiro e ouvir-lhe dizer que ainda nos ajuda; indo a votar às urnas sabendo que é como se não fôssemos; e pra acabar duma vez, deixando-nos levar polo último que chega.

P.-- A quem obriga o quarto mandamento?

R.-- A todos os labregos desde que nascem até que morrem.

P.-- Porque?

R.--Porque quando não há que levar à boca é forçoso o jejum; que ainda que dizem que há no mundo pão de avondo pra todos, a verdade é que poucas vezes chega à nossa boca, e isso de milho, resseado e bem taxado.

P.-- Como jejuam os labregos antes de ter uso de razão?

R.-- O mesmo que depois: a traspasso.

P.-- A quem obriga o quinto mandamento?

R.--Não há quem se escape dele.

P.-- Com que pagades por todo?

R.-- Com os nossos quartinhos e com o nosso lombo.

P.-- E com que as pagades todas?

R.--Com o nosso lombo e com os nossos quartinhos.

P.-- E que pagades?

R.--Os trabucos e as falcatruadas que fam outros.

P.-- Que são trabucos?

R.--As contribuições, padre; você sei que não é da terra.

P.-- E por que lhe chamades trabucos?

R.-- Porque é uma cousa que há que pagar ainda que um não queira e ainda que não tenha com que, pois de outro jeito embargam-nos o pouco que temos; de maneira que nos fam ciscar as cadelas⁷⁵ o mesmo que se nos pujessem⁷⁶ um trabuco ao peito.

AS OBRAS DE MISERICÓRDIA SÃO CATORCE, AS SETE ESPIRITUAIS E AS SETE CORPORAIS.

As espirituais são estas:

A primeira ensinar ao que não sabe libertar-se das gaiolas que a miúdo nos armam.

A segunda dar bons conselhos aos que estão pra cair.

A terceira corrigir aos que não vêem por onde caminham.

A quarta perdoar as injúrias até que um poida⁷⁷ fazer o seu génio.

A quinta consolar às mulheres dos que emigram pra as Américas.

A sesta sofrer com paciência, entrementes não haja outro remédio, as fraquezas e más ideias dos que mandam.

A sétima rogar a Deus polos nossos alcaldes defuntos.

As corporais são estas:

A primeira visitar as adegas dos vizinhos.

A segunda ensinar-lhe o caminho da taberna aos que têm fome, e deixar-se ir se convidam.

A terceira ensinar-lhe o caminho da fonte aos que têm sede.

A quarta redimir-nos quando chegue o caso.

A quinta mandar ao xastre os que não têm cirigolas⁷⁸.

A sesta dar pousada ao peregrino se tem com que pagar.

A sétima levantar mortos.

QUARTA PARTE EM QUE SE DECLARAM OS SACRAMENTOS QUE SE HÃO DE RECEBER.

Já vimos como sabedes o que haveis de crer, pedir e obrar; vejamos como sabedes o que haveis de receber, que é o derradeiro: dicide⁷⁹ os sacramentos.

OS SACRAMENTOS DA IGREJA LABREGA SÃO SETE.

O primeiro, Bautismo.

O segundo, Confirmação.

O terceiro, Penitência.

O quarto, Comunhão.

O quinto, Extrema-Unção.

O sexto, Ordem.

O sétimo, Matrimónio.

P.-- Pra que é o Bautismo?

R.-- Pra os fazer cristãos ainda que logo nos tratem como mouros, e pra que tenhamos

um nome com o que se nos conheça nos recibos da contribuição, nas listas do sorteio de quintas, nas citações a juízo e noutros documentinhos por este jeito.

P.-- Pra que é a Confirmação?

R.--Pra que não botemos de perda o nosso nome e pra que, com a lufada que nos dão na cara ao confirmar-nos, nos vaimos afazendo às que mais adiante nos hão de dar no lombo.

P.-- Pra que é a Penitência?

R.-- Pra purgar os pecados alheios, que os nossos bem purgados os temos com a vida arrastadinha que levamos.

P.-- Pra que é a Comunhão?

R.--Pra que mantenha as nossas almas já que os corpos andam famintos, como Deus e nossoutros sabemos.

P.-- Que se precisa pra comungar?

R.-- Pra os que não são labregos estar em jejum desde das doce da derradeira noite; nossoutros como sempre temos o estômago valeiro⁸⁰ podemos comungar a qualquer hora.

P.-- Pra que é a Extrema-Unção?

R.--Pra três cousas.

P.-- Quais são?

R.--A primeira pra quitar os rastos e relíquias da má vida que nos figerom⁸¹ passar; a segunda pra dar esforço à alma contra as más tentações; a terceira pra dar saúde ao corpo se lhe convém.

P.-- Que sentides quando recebides a Extrema-Unção?

R.-- Uma grande alegria porque conhecemos que logo nos vamos quitar do lombo a pesada carga da vida; algo assim como sente o que poussa um feixe de lenha depois de trazê-lo desde o monte até a casa, ou como o que passados doce anos de presídio se topa libre. Ao ponher-lhe⁸² a um a Extrema-Unção acorda-se de que se acabaron pra sempre os dias inteiros de turrar polo sacho, de passar fames negras, de andar pouco menos que em coiros, de pagar a territorial à Fazenda, os consumos ao Concelho, as rendas aos senhorios, as custas aos julgados, os filhos ao Rei, os direitos ao Abade, as consultas ao advogado, as visitas ao médico, as receitas ao boticário, sem contar com o padeiro, com o taberneiro, com o xastre, com o sapateiro, e com outros muitos, porque os labregos parês que não vinhemos⁸³ ao mundo mais que pra pagar sempre, e inda que nos chamemos cristãos não deixamos de ser os pagãos eternos. Pola Extrema-Unção sabe um que se vai ver livre do Alcalde, do Secretário, do Cacique, dos aduanantes⁸⁴ de todas as crás; sabe que se acabaron os madrugares e os trabalhinhos todos; e ao recebê-la vê o labrego que logo chega o dia em que depois de tantos anos de foçar na terra pra fazê-la produzir, vai-lhe servir de cama onde poida⁸⁶ descansar pra sempre, depois de dizer-lhe ao mundo: «aí fica isso!»

P.-- Pra que é a Ordem?

R.--Pra que alguns filhos de labregos cheguem a ser gente.

P.-- Pra que é o Matrimónio?

R.--Pra nada bom, senhor. O matrimónio é uma cousa que fazemos, como se fam⁸⁷ outras tantas burradas. Vem a ser algo semelhante com junguir-se a um carro, e turrar dele até morrer. Quando um não tem pão que meter na boca acurre-se-lhe levar pra casa uma mulher que lhe ajude a passar fome, que é como dizer: «tu que não podes leva-me às costas». Depois vêm os filhos, que não faltam nunca nos matrimónios labregos, e então sim que é ela. Há que mantê-los, há que vesti-los, há que mandá-los à escola se quadra, há que atendê-los nas suas enfermidades, há em fim que fazê-los homens. E quando já empeçam a servir pra algo e ajudar-nos nas angueiras⁸⁸ da casa, levam-nos pra o serviço, e entrementes eles vão a fazer-se matar à guerra, e se volvem é com um braço ou uma perna de menos, nossoutros ficamos velhos e acabadinhos sem poder-nos valer, e expostos a morrer esquecidos como cães.

P.-- Tendem⁸⁹ que estar em graça de Deus os que se casam?

R.-- Isso dim, mas eu cuido que o que há que estar é deixados da sua mão.

P.-- Quais são os pecados capitais?

R.--Soberba, avarícia, luxúria, ira, gula, inveja e preguiça.

P.-- Que é soberba?

R.--É um verme que se lhes mete na cabeça aos que agarram um anaquinho de mando.

P.-- Que é avarícia?

R.-- Uma cuchumilhada⁹⁰ que nos dá muito que rascar e que rói, rói, vai nos despelelhando pouco a pouco.

P.-- Que é luxúria?

R.-- Uma má fada que nos leva ao matrimónio, como os bois ao matadeiro.

P.-- Que é ira?

R.-- Uma cousa que se nos deixáramos levar dela...

P.-- Que é gula?

R.-- Isso não lho pergunte aos labregos: as gentes acomodadas lhe poderão responder.

P.-- Que é inveja?

R.-- Um aguilhão que se nos crava na alma quando vemos os bens e a fazenda dos vizinhos.

P.-- Que e preguiça?

R.-- Um luxo que não podemos permitir-nos os que trabalhamos.

OS INEMIGOS DA ALMA, DE QUE TEMOS QUE FUGIR, SÃO TRÊS:

O primeiro, é o mundo.

O segundo, o demo.

O terceiro, a carne.

P.-- Quem é o mundo?

R.-- Todos os maus homens que comem, vivem, triunfam e campam à conta do nosso trabalho.

P.-- Quem é o demo?

R.-- Um coitadinho que noutros tempos foi espantalho das gentes, e que agora viu tão a menos que nem sequer caso lhe fã⁹¹ os rapazes da escola.

P.-- Que é a carne?

R.-- Uma cousa que dim⁹² que se come, e que sabe bem, e que mantém muito, da que temos ouvido falar a miúdo, mas que não nos passa polas gorjas inda que nos passe polas mentes.

AS BEN-AVENTURANÇAS SÃO OITO:

1.^a Bem-aventurados os pobres, porque serão tratados como bestas de arrieiro.

2.^a Bem-aventurados os mansos, porque todo o mundo malhará neles.

3.^a Bem-aventurados os que choram, porque mamarão.

4.^a Bem-aventurados os que tenhem⁹³ fome e sede da justiça, porque os fartarão de presídio.

5.^a Bem-aventurados os misericordiosos, porque os amolarão quanto podiam⁹⁴.

6.^a Bem-aventurados os limpos de coração, porque também estarão limpos de

fraldiqueira.

7.^a Bem-aventurados os pacíficos, porque todos lhes farão a guerra.

8.^a Bem-aventurados os que padecem perseguição pola justiça, porque ademais de ir à cadeia pagarão as custas.

P.-- Que dixemos⁹⁵ agora?

R.-- Oito verdades como oito pães centeios.

P.-- Quem são os pobres?

R.-- Os coitados labregos que não sabem o que é um dia de fartura.

P.-- Quem são os mansos?

R.-- Somos também nossoutros, porque nos amansam a fungueiraços⁹⁶.

P.-- Quem são os que choram?

R.-- Os que sabem pedir a tempo e baixar-se a todo o mundo pra lograr o que cobiçam.

P.-- Onde mamarão?

R.-- No ubre do pressuposto.

P.-- Quem são os que tenhem⁹⁷ fome e sede de justiça?

R.-- Os que não tenhem padrinho.

P.-- Quem são os misericordiosos?

R.-- Quatro pipiolos⁹⁸, que não sabem com quem aram.

P.-- Quem são os limpos de coração?

R.-- Os que nunca foram nada, nem tiveron jeito de emporcar⁹⁹ as mãos.

P.-- Quem são os pacíficos?

R.-- Os bois e nossoutros.

P.-- Quem são os que padecem perseguição pola justiça?

R.-- Os que lhe fam a contra os que mandam.



NOTAS

- 1 Terceira pessoa do plural do presente de indicativo do verbo fazer: fazem.
- 2 Folgazanear, levar uma vida de vagabundo.
- 3 Antiga unidade monetária espanhola substituída pelo euro em 31 de dezembro de 1.998.
- 4 Dinheiro.
- 5 Apócope de muito.
- 6 Desejar com muita força algo, ambicionar, arelar, degorar.
- 7 Aviar, pôr em caminho, pôr em situação de ir embora.
- 8 Na maior parte dos falares da Galiza (a não ser as orientais que flexionam de forma canónica) conservaram-se as conjugações medievais. Meteis.
- 9 Ver a nota anterior no que diz respeito da conjugação verbal em grande parte dos falares galegos. levais.
- 10 Vereador, membro do órgão colegial do município.
- 11 Veja-se a nota 8. Sois.
- 12 Estais.
- 13 Dizei-me.
- 14 Caminho de carro para passar aos eidos.
- 15 Dinheiros.
- 16 Presunto. Perna inteira de porco salgada e curada.
- 17 Salsichão. Enchido largo feito da carne do lombo do porco.
- 18 Frango.
- 19 Batata cozida com pele e partida pelo meio.
- 20 Aqui tem o sentido de autêntico, castiço.
- 21 Fazem.
- 22 Ver a anotação 21.
- 23 Arelam, cobiçam, ansiam, degorar é desejar vivamente uma cousa.
- 24 Desde que.
- 25 Disse.
- 26 Faz.
- 27 Credes.
- 28 Comilão.
- 29 Nenhum.
- 30 Furtando. Subtraindo fraudulentamente.
- 31 Avassalando.
- 32 Revolvendo, enredando, emaranhando, enleando.
- 33 Dizem.
- 34 Os pronomes pessoais em latim clássico eram NOS e UOS, donde deram em Nós e Vós (nas falas orientais do domínio galego guardaram o [o] fechado etimológico), enquanto no resto dos falares sofriram uma abertura por, talvez, analogia com nosso e vosso. Porém, na maior parte da Galiza existe outro pronome, nossoutros, vossoutros, e os seus pares em feminino, nossoutras, vossoutras, derivadas das formas latinas ALTEROS, ALTERAS, com função, de princípio, adjectivas. Estas formas de pronomes pessoais mantêm um jeito exclusivo apresentando, assim, uma oposição respeito de outras pessoas ou grupos que não têm cabida dentro desse plural.
- 35 Fez.
- 36 Quis.
- 37 Fazem.
- 38 Afligidos.
- 39 Atontados, simples.
- 40 Enganos, traições.
- 41 Malandros, velhacos.
- 42 Fazem.
- 43 Levais.
- 44 Fecha, encerrada.
- 45 Fizeram.
- 46 Reunião de muitas pessoas num local.
- 47 Herdeiros de bens não divisíveis.
- 48 Alimento que se come com o pão, a não ser o caldo ou a sopa.
- 49 Fazem.
- 50 Veja-se a nota 49.
- 51 Impôs.
- 52 Alqueire. Medida de capacidade não uniforme para áridos na Galiza que serve para a sementeira.
- 53 Intrigantes, enredadores.
- 54 Pequenez, ruindade.
- 55 Ódio, rancor, grande aversão.
- 56 Dizem.
- 57 Diz-se da pessoa que incita a fazer cousas más.

- 58 Embaucadoras, aliciadores, embaidores.
- 59 Fechadas.
- 60 Bagatela, cousa de pouco valor, miudeza.
- 61 Cuidados, quefazeres, ocupações.
- 62 Andar com as orelhas gachas: ser acobardado, tímido e envergonhado.
- 63 Pusemos.
- 64 Churrusqueira: alegre, donairoso, com galanura e garbo.
- 65 Abrir muito.
- 66 Cócegas.
- 67 Mantéu curto de pano que as mulheres colocam polos ombros, cruzando-o sobre o peito e sujeitando as suas pontas às costas por cima da cintura.
- 68 Mantelo ou avental que usavam as mulheres.
- 69 Ervanço, grão-de-bico.
- 70 Alfaiates.
- 71 Gorro ou carapuça de montanhês.
- 72 Afrontar, maltratar, ultrajar, vejar.
- 73 Baduante é aquele que fala sem tino ou com alboroto.
- 74 Opor-lhes.
- 75 Moedas miúdas, aquí com o sentido dos poucos dinheiros que o lavrador pobre tem.
- 76 Pusessem.
- 77 Possa.
- 78 Ceroulas.
- 79 Dizei.
- 80 Vazio. Ainda que vazio é conhecido e dito popularmente, a gente acha valeiro como mais castiço, mais genuíno.
- 81 Fizeram.
- 82 Por-lhe.
- 83 Viemos.
- 84 Intrigantes, enredadores.
- 86 Possa.
- 87 Fazem.
- 88 Trabalhos, sofrimentos.
- 89 Têm.
- 90 Conjunto de parasitos que se alimentam com o sangue das pessoas sujas e porcas.
- 91 Fazem.
- 92 Dizem.
- 93 Têm.
- 94 Possam.
- 95 Dissemos.
- 96 Estadulho, fueiro, Cada um dos paus que se erguem nos lados do leito do carro (o chediero) de bois ou de atrelado.
- 97 Têm.
- 98 Simples, bobos.
- 99 Variante de emporcalhar, cobrir de porcaria ou lujar.

